

# CINEMA

## Cuba premia os melhores do festival

MARIADO ROSARIO CAETANO  
Enviada Especial

Havana — Foi uma noite inesquecível. Afinal, depois de saber que os quatro melhores filmes do festival (*Frida*, *Tangos*, *História Oficial* e *A Cidade e os Cachorros*) foram os eleitos pelo júri oficial, ainda se ouviu o premier cubano, Fidel Castro, pronunciar, de improviso, longo discurso sobre a necessidade de emancipação do cinema latino-americano. Quando Fidel iniciou seu discurso, comentou, em tom jocoso, que tinha fama de "falar muito". E deu a entender que, mais uma vez, não fugiria à regra, pois o ato de premiação transcorreria em tempo menor que o esperado. As quatro mil pessoas que lotaram o Teatro Karl Marx ouviram, fascinadas, um discurso rico de detalhes, onde Fidel mostrou conhecer, como poucos, a realidade do Festival de Cinema de Havana e a situação do cinema latino-americano.

Nunca se sabe, com antecedência, se Fidel estará, ou não, na sessão de encerramento do festival. Este ano, temia-se sua ausência, tamanho era o número de convidados e turistas (800 delegados estrangeiros e 125 jornalistas de todos os continentes) que participou do evento.

Quando a cortina se abriu, palmas explodiram. Trajando camisa branca, gravata preta e paletó verde-oliva, Fidel Castro estava sentado na primeira fileira do palco, ladeado por Armando Hart, ministro da Cultura; pelo escritor Gabriel García Márquez; o cineasta Fernando Birri; o poeta Mario Benedetti; o embaixador de Cuba, na Unesco, Alfredo Guevara; o presidente do Festival, García Espinosa; o artista plástico brasileiro, Fernando Pimenta, entre outros. Atrás, numa segunda fileira, estavam Mercedes Sosa, Harry Belafonte, Glámaria Volonte, Miguel Littin, Jorge Sangínez, María Rojo, Jerzy Kawalerowicz, entre outros.

ta, que presidiu o Júri de cartazes. Os vencedores foram Eduardo Munhoz Bachs, cubano, autor do cartaz do filme *Ninos Desaparecidos* (1º lugar) MN Etnurt Maassen, alemão ocidental, pelo cartaz do filme *Widerstand in Guadalupe* (2º lugar) e Jorge Muller, Carmen Bueno e Balmes Castillo, chilenos, pelo cartaz do filme *Cineastas Detenidos — Desaparecidos*.

Seguiram-se, então, indicações de prêmios de organismos internacionais como a Federação de Cineclubes (*MI HIJO, El Che*, de Fernando Birri); o Ofício Católico Internacional de Cinema (*As Mães da Praça de Maio*, de Suzana Munhoz e Lourdes Portillo; e para o curta *Frel Tito*, da brasileira Marlene França); a crítica internacional (*Lejanía*, do cubano Jesus Diaz, e prêmio Saul Yelin para *Somos Mais*, produção chilena criada coletivamente) e o prêmio da revista *Revolucion y Cultura* (*Sera Posible el Sur*, de Stefan Paul).

### FESTIVAL

Diretores, atores e jornalistas estrangeiros estão estupefatos com o crescimento do Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano, em sua sétima edição. O número de filmes e participantes aumentou em tais dimensões, que o "Granma", o mais importante jornal do país, publicou, orgulhoso, matéria do correspondente da agência France Press, Sergio Berrocal, onde ele constata: "O Festival de Cannes, vitrine inigualável da cinematografia mundial, está-se tornando pequeno ao lado do Festival de Novo Cinema Latino-Americano que, em Havana, tem adquirido proporções descomunais: centenas de películas e dezenas de reuniões. No perímetro havaneiro, delimitado pelos hotéis Capri (antigo quartel-general da máfia norte-



José Dumont recebeu o prêmio de melhor ator (mais um) pelos desempenhos em "O Balano Fantasma", "Avaeté" e "Tigipió", no Festival de Havana

Brasil, Venezuela, Peru, etc. No total, algo como 400 filmes, repartidos nas categorias ficção e documentário".

O entusiasmo do repórter da France Press não é exagerado. O Festival de Havana assumiu proporções espantosas. E o governo cubano está-se esmerando para mostrar ao mundo, que sabe organizar um grande evento cultural. Ao mundo e, em especial, aos EUA, que este ano receberam atenção destacada. Cinco atores famosos na fábrica de ilusões rolludianas, aqui estiveram ou aqui estão: Robert de Niro, Treat Williams, Christopher Walken, Harry Belafonte e Jack Lemmon. O ator principal de "Missing", de Costa Gavras, está na ilha, acompanhado da mulher, a atriz Felicia Farr, e dos filhos. Além dos norte-americanos, sem dúvida as estrelas mais brilhantes do Festival, há outras estrelas de primeira grandeza: o polonês Jerzy Kawalerowicz, diretor de "Madre Joana dos Anjos" e deputado no Parlamento polaco; a cantora Mercedes Sosa (estrela do documentário "Será Possível o Sul?", do alemão ocidental Stefan Paul); o italiano Gian Maria Volonte, o colombiano García Márquez, o argentino italiano Fernando Birri, o mexicano Paul Leduc; o chileno francês Armand Ma-

mandou um time de estrelas respeitáveis. Os cineastas Joaquim Pedro de Andrade, João Batista, Denoy de Oliveira, Eduardo Coutinho e Silvio Tendler, bem conhecidos no Brasil, aqui não são muito festejados. Do time brasileiro, quem mais sucesso faz é Walter Lima Jr, que ganhou meia página no "Granma". "Chico Rei" não teve boa recepção crítica, mas os cubanos continuam fascinados por "Inocência". Prêmio Coral como melhor filme de ficção, dois anos atrás.

O time de atrizes brasileiras não consegue repetir o êxito das passagens pela ilha de duas atrizes famosas: Regina Duarte, a "Malu Mulher" e Lucélia Santos, a "Escrava Isaura". Maitê Proença passou em brancas nuvens, pois os cubanos não conhecem seus filmes, nem suas novelas. Itala Nandi, Conceição Senna e Marlene França são também desconhecidas do grande público. Quem está aprontando aqui são duas atrizes desconhecidas no Brasil e razoavelmente conhecidas na ilha: Márcia Barreto, de "O Rei do Rio", e Dani Patarra, que ano passado participou do Festival com o filme "Nasce Uma Mulher", de Roberto Santos. Márcia, ex-mulher do cineasta Fábio Barreto, viveu meses em Cuba

do Icaic (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica). Dani Patarra está se preparando para participar, em Cuba, do novo longa-metragem de Humberto Solas, diretor do magnífico "Simpolare" e do lastimável "Cecilia".

### RUMBA

As noites no Hotel Nacional são de causar inveja a qualquer festival do mundo. Nem em Cannes vi algo assim. Depois das sessões no Cine Chaplin, La Rampa, Riviera, Cine 23 Y 12, Yara e de sessões concorridíssimas (como a da homenagem a Jack Lemmon) no Teatro Karl Marx, a rumba corre solta. Na noite da última quinta-feira, enquanto diretores e jornalistas abraçavam Paul Leduc pelo êxito de "Frida, Natureza Viva", o conjunto "Los Ban Ban", o mais popular da ilha, fazia show concorridíssimo nos jardins do hotel. Mais de mil pessoas, estrangeiras e cubanas, dançavam a rumba e bebiam rum puro ou "Mojito". Como se bebe e se dança por aqui.

Os cabarês Parísiens Erojo não param. A eles, somam-se os shows do Salão Libertat e da piscina do Hotel Nacional, onde a música ao vivo corre solta. Há noites em que pulamos de cabaré em cabaré, assistindo a shows de José Vitier e grupo Los Yacos; Los Canas; conjunto de Gonzalito Rubalcaba; Celina Gonzales e grupo Campo Alegre; Anabel Lopes; grupo Iraquere; Septeto de Ignacio Piniello; Sara Gonzales e grupo Guayacán, sem falar no especialíssimo Pablo Milanes, muito conhecido no Brasil, até agora, só não conseguiu assistir a um show de Omara, mistura de Eliseth Cardoso e Angela Maria, que os brasileiros viram no documentário que leva seu nome. Como boa tiete, ao vê-la conversando com um grupo de amigos, no hall do Hotel Nacional, fui conhecê-la. Apresentei-me num péssimo "portunhol". Ela sorriu, afável.

Dali, seguimos para o mais inusitado programa cultural do VII Festival de Havana: um desfile de moda. Imaginem como ficamos grilados aos sermos convidados, num país socialista, para tal atividade. Só que o desfile nos deixou tranqüilos. Foi uma "Jóia cultural" da ilha de Fidel Castro. Para começar, as roupas são obras de arte de artesões cubanos. Com óbvia influência africana, as "quins" (vestidos) são